

O Banho de São João: Sincretismo de Religiões e Culturas e sua Adaptação à Institucionalização

The Saint John's Bathing Festival in Brazil: Syncretism of Religions and Cultures and its Adaptation Towards Institutionalization

Beatriz Rosália Gomes Xavier Flandoli*
Andreia Marsaro da Rosa**
Ramona Trindade Ramos Dias***

Resumo: No presente artigo, faz-se uma contextualização histórica das festas religiosas a partir do século XIX e procura-se investigar, na fala de festeiros de São João entrevistados em Corumbá, a compreensão que têm acerca de símbolos da festa, como o mastro, a fogueira e o banho do santo, assim como do seu caráter cultural e religioso e das transformações que a festa sofre na cidade em decorrência das próprias mudanças sociais e culturais, do sincretismo religioso e cultural e dos processos de institucionalização dessa festividade pela prefeitura do município.

Palavras-chave: festas religiosas, Banho de São João, simbologia do São João.

Abstract: Providing a historical contextualization of religious festivals since the 19th century and, drawing on discourses of *festeiros* (local voluntary organizers) of the Saint John's Festival interviewed in Corumbá, Mato Grosso do Sul state, Midwest Brazil, this study sought to investigate the understanding these individuals hold of festival symbols such as maypoles, bonfires, and the saint's statue

Introdução

A Festa de São João em Corumbá, que culmina com o banho do santo nas águas do rio Paraguai, apresenta-se como objeto instigante, pois oferece ao pesquisador o desafio de observar também as transformações por que passou ao longo dos anos: o sincretismo religioso, o embricamento cultural e os processos de institucionalização, que ora são vistos como algo que pode descaracterizar a festa, ora como algo que pode garantir a sua sobrevivência.

O presente artigo pretende trazer reflexões resultantes de entrevistas realizadas por pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,

* Psicóloga, Mestre e Doutora em Educação (PPGE/CCHS/UFMS), Professora Adjunta da UFMS/CPAN, nos curso de Psicologia e no Mestrado em Educação Social PPGE/CPAN, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura, Psicologia, Educação e Trabalho CPET. Contato: beatriz.flandoli@ufms.br

** Graduada em História; Mestranda em História Social pela Universidade Estadual de Londrina. Contato: andreiamarsaro@gmail.com

*** Bacharel em Administração, Mestra em Estudos Fronteiriços, PPGEF/CPAN/UFMS. Contato: ramona.dias@ufms.br

bathing, as well as of the celebration's cultural and religious character and the transformations it is currently undergoing in response to social and cultural changes, religious and cultural syncretism, and the ongoing process of institutionalization of this event by the county's municipal government.

Keywords: religious festivals, Saint John's Bathing Festival, Saint John's symbology.



Campus do Pantanal, no mês de junho de 2014, norteadas pelo Cadastro de Festeiros de São João, fornecido pela Prefeitura Municipal de Corumbá. Muitas dessas entrevistas foram realizadas na noite de 23 de junho, em que se realiza a festa na cidade, tendo os entrevistadores a oportunidade de ver e fotografar o andor e a festa, o ritual de rezas, suas comidas e bebidas.

Foram entrevistados 67 dos 94 festeiros que constavam do referido cadastro. Após a assinatura do termo de consentimento, as entrevistas foram gravadas e depois transcritas e sistematizadas em planilha contendo as seguintes questões: Nome do entrevistador, nome do festeiro, ano de início e se a festa é realizada anualmente.

Quanto à especificidade, questionou-se sobre a motivação do festejo, a transformação em tradição familiar, quantos festeiros a festa já teve e quando, como e porque ocorre a substituição dos festeiros. Quanto à participação na festa, as questões versavam sobre quem participa, se a imagem do santo é banhada e onde, e por que se banha o santo.

Quanto às crenças, indagou-se se está ligada à alguma religião, qual religião, local de realização e, em caso de terreiro ou tenda, se tem nome. Ainda se questionou se o festeiro faz novena, se ergue o mastro, qual o significado do mastro, se acende fogueira e qual o significado e importância desse ritual.

A opção pela história oral¹ como método se deu pela possibilidade de ouvir vozes distintas falarem sobre a Festa de São João em Corumbá. As falas desses narradores permitem a construção de uma história a partir das palavras daqueles que ainda vivenciam a experiência de organizar e participar da festa. Suas memórias, suas interpretações, suas opiniões e até mesmo seus silêncios são fontes que contribuem com esta pesquisa. Assim, para trabalhar com fontes orais,

É preciso saber “ouvir” o que a entrevista tem a dizer tanto no que diz respeito às condições de sua produção quanto no que diz respeito à narrativa do entrevistado: o que nos revela sua visão dos acontecimentos e de sua própria história de vida acerca do tema, de sua geração, de seu grupo, das formas possíveis de conceber o mundo etc. (ALBERTI, 2005, p 185 Grifo e aspas da autora).

A autora destaca a importância de considerar a entrevista como um todo, lendo-a e ouvindo-a completamente, atentando para as partes que se relacionam com o todo e que, assim, constituem significados para o passado e o presente. Adverte, ainda, que é necessário que o pesquisador examine versões, relatos e pontos de vista desviantes, ou seja, declarações dissonantes. Dessa forma, nas entrevistas realizadas, procurou-se captar a compreensão do banho, da fogueira, do mastro, além de identificar a sua religião, há quanto tempo realiza a festa e quais são as condições financeiras para a realização da comemoração.

Das gravações das entrevistas contendo os testemunhos dos festeiros, as autoras retiraram dados qualitativos e quantitativos acerca da festa e optaram por não citar os nomes das entrevistadas, referindo-se a elas apenas por iniciais: festeira A, B, C etc. Os dados tabulados permitiram a identificação de analogias e discrepâncias nas narrativas, assim como a compreensão sobre as transformações dessa comemoração tão universal em sua singularidade.

A festa e suas origens coloniais

Proceder a uma análise que procure compreender a *totalidade* de uma festa ou mesmo que aborde todas as suas características parece uma tarefa exaustiva, senão impossível, devido aos múltiplos contextos e às particularidades de realização desses eventos, que podem ser momentos singulares na vida de uma só pessoa ou de uma comunidade. Diversas emoções, expectativas, participações, tensões e sentimentos perpassam a imensa maioria dos espaços festivos.

O grande número de manifestações da mesma festa em diferentes localidades é um fator que pode dificultar o trabalho do pesquisador. Para citar um exemplo conhecido, considere-se a Festa do Divino Espírito Santo que, realizada em diversas cidades e freguesias pelo Brasil no século XIX, possuía suas particularidades tanto na organização quanto no ambiente em que acontecia.

Por outro lado, essa multiplicidade pode justamente apontar as peculiaridades apresentadas em cada contexto histórico e sociedade promotora dos festejos. As festividades são eventos constantemente [re]significados, [re]criados e [re]apropriados. Para a historiadora Marta Abreu, as festas podem ser um importante caminho para compreender aspectos socioculturais e assim,

de uma forma ainda mais ampla, as festas – de caráter religioso, cívico ou carnavalesco – também foram valorizadas [...] como um atraente caminho para se conhecer uma coletividade, suas identidades, valores e tensões, através de atitudes, dos comportamentos, dos gestos e do imaginário presentes em suas celebrações (ABREU, 1999, p. 37-38).

No caso do Brasil, além da sua enorme extensão territorial, existe também a multiplicidade de crenças resultantes da miscigenação entre negros, indígenas e brancos, com cada grupo matriz apresentando diferentes práticas religiosas e culturais. Esse hibridismo cultural deu lugar, principalmente durante o século XIX, às práticas religiosas que revelavam tanto ritos profanos quanto sagrados em suas celebrações.

Vale ressaltar que os indivíduos determinam as crenças como profanas ou sagradas segundo as próprias matrizes religiosas, portanto, as definições de profano são carregadas de “pré-conceitos”. Nas festas religiosas do século XIX, o profano poderia ser compreendido como algo que não era ligado ao universo religioso católico, que dá origem à Festa de São João. Assim, o profano estaria ligado às bebidas, fogos, bailes e aos ritos de outras matrizes religiosas.

Entretanto, o que se observa nesta festa é que não há, na fala dos festeiros entrevistados, qualquer alusão ou estranhamento à religião ou à crença alheia, muitos são, aliás, os andores que se encontram todos os anos a caminho da ladeira, fazendo da descida uma verdadeira procissão.

Esse sentido de atividade religiosa coletiva grandiosa é observado por Abreu (1999), ao elucidar que o século XIX herdou a chamada religiosidade colonial, marcada pelas manifestações da fé por meio de missas grandiosas, funerais e festividades que contavam com a participação de centenas de pessoas. A historiadora destaca a existência das irmandades - grupos compostos por leigos que se subordinavam às ordens religiosas que buscavam o benefício dos irmãos além de estimular a devoção a um santo protetor. Esses grupos organizavam festas para homenagear os santos e,

[...] para desagrado de muitas autoridades civis e religiosas, preocupadas com a continuidade da ordem e com o não cumprimento das normas litúrgicas, tais festas costumavam confundir as práticas sagradas com as profanas, tanto nas comemorações externas como nas que eram realizadas dentro das igrejas. Além das missas com músicas mundanas, sermões e te-déuns, novenas e procissões, eram partes importantes as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de comidas e bebidas. Na maioria delas a

população escrava e/ou negra não perdia a oportunidade para mostrar suas músicas, danças e batuques (ABREU, 1999, p. 34).

Nas regiões interioranas no Brasil, principalmente aquelas que não representavam grandes centros naquela época, as festas religiosas eram importantes momentos de sociabilidade para os habitantes. Não era raro que as camadas menos abastadas realizassem suas festividades na rua. Em contraponto, os estratos mais elevados dispunham de salões, clubes ou de grandiosas e luxuosas casas para a realização dos eventos. Os lugares de divertimento eram importantes pontos de encontro entre vizinhos, amigos e familiares que se reuniam para o festejo. Esse local plural e de encontro, como a rua, por exemplo, promovia a reunião de diferentes indivíduos, possibilitando que laços de sociabilidade fossem estreitados e/ou tensões antigas fossem reacendidas.

As festas, nesse caso, constituem importante espaço de sociabilidade, com suas alegorias, representações e elaborações dos conflitos, uma espécie de válvula de escape, que torna possível a vida comunitária. Por meio da fantasia, da criação/re-criação livre, as revanches são trabalhadas em espaço lúdico, as frustrações e reivindicações são expressas. É o momento de desarranjo/rearranjo que equilibra a sociedade e torna possível sua manutenção e reprodução (FERLINI, 2001, p. 449).

A Festa de São João em Corumbá, realizada durante o século XIX, já foi citada pelos pesquisadores como exemplo de evento que promove a sociabilidade dos indivíduos da cidade. Segundo o historiador João Carlos de Souza, há citações nos periódicos sobre as festas de São João e Santo Antônio na região desde a segunda metade do século passado. O autor destaca também que o número de participantes era expressivo, uma vez que os andores que levavam a imagem ladeira abaixo eram confeccionados na casa dos moradores, chamados festeiros.

As comemorações de São João não tinham uma dimensão institucional, oficial, uma vez que partiam da iniciativa das pessoas que faziam promessas, os chamados festeiros. [...] A casa do festeiro era o centro das comemorações: da novena, do erguimento do mastro, da reza, da fogueira, da música, dos comes e bebes, do baile, das diversões. Constituíam-se no local significativo da festa, pois se transformava em centro de uma sociabilidade mais ampla. Momento em que os participantes reafirmavam seus laços de parentesco, amizade e vizinhança, num ambiente de confraternização (SOUZA, 2004, p. 342).

No excerto do autor, identificam-se algumas características que a festa apresentava no século dezenove e que podem ser relacionadas com outras comemorações realizadas no Brasil, como a presença das bebidas, da música (que nem sempre era de origem religiosa) e da casa como seu local de realização².

Aponta ainda o autor acima citado que, em carta publicada pelo *Iniciador*, no ano de 1883, um escritor narrou que a noite de São João contou com muitas fogueiras, bebedeiras e salvas, enfatizando que não houve nada de grave naquela noite e que os admiradores do “Deus Baccho” estavam “compreendendo a importância de saber beber”. A referida carta também indicou que na cidade de Corumbá os espaços para o divertimento eram ínfimos, então, quando acontecia uma festa, o evento se tornava realmente popular.

Por sua vez, a historiadora Mary Lucy Del Priore destaca que as festas misturavam corpos, costumes, estilos, particularidades, etc. Discordando do dicionarista Raphael Bluteau, do século XVIII, a autora argumenta que:

a tentativa [...] não funciona no sentido de separar as festas religiosas das profanas. Elas, de fato, caminham juntas. É como se dentro de cada festa religiosa existisse uma profana e vice-versa. O ciclo do Natal é um exemplo característico. Autos natalinos em forma de bailes pastoris para louvar e cantar o nascimento de Jesus eram secundados por cocos, fandangos e batucadas e terminados por danças denominadas “chacotas” (DEL PRIORE, 2000, pp.18-19).

Não só a historiadora chama a atenção para a sobreposição dos ritos considerados sagrados e profanos, a presença do sincretismo religioso também é discutida entre as raças que habitavam as Minas Gerais no período colonial.

[...] As pompas e festas, em que excede o Catolicismo no deslumbramento dos povos de missão, tornam-se os únicos divertimentos e um dos poucos pretextos de convivência social para os rudes lavradores das minas e das roças. É quando [...] ocorrem as práticas do sincretismo religioso, mediante o qual se vão acrescentando a um Catolicismo já popular dos lusos os elementos do animismo indígena e do feiticismo africano (CARRATO, 1968, p. 45)

Também a Festa de São João era um ambiente marcado pela pluralidade, uma vez que sua organização e seu desenvolvimento partiam da população local, lembrando que a cidade de Corumbá recebeu muitos imigrantes paraguaios, bolivianos, sírio-libaneses, entre outros, principalmente no final do século XIX. A multiplicidade de costumes apresentadas por esses homens e mulheres que passaram a habitar a região aos poucos gerou a integração de culturas e o sincretismo religiosos e suas manifestações.

Uma característica marcante das festas é a construção de uma identidade entre seus participantes. Entretanto, segundo Guarinello (2001), não se pode afirmar que essa produção seja homogênea e compartilhada por todos os presentes. Podem ser criadas diferentes identidades em diversos níveis e grupos. Este pesquisador chama a atenção para o fato de que a festa é produto do cotidiano e por isso carrega consigo tensões e conflitos, sem apagar as diferenças, mas unindo os diferentes e apresenta a seguinte definição de festa:

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (GUARINELLO, 2001, p. 973).

Sob a luz dessas teorias, a Festa de São João torna-se espaço de sociabilidade fundamental para a população e importante evento de produção e reafirmação da identidade dos seus participantes. Fruto de situações cotidianas, carrega normatizações próprias de acordo com as características daquela sociedade, permitindo, assim, uma compreensão das relações estabelecidas pelos indivíduos, seus comportamentos e suas tensões, apresentando-se como importante objeto de estudo para historiadores, antropólogos e demais interessados no estudo das práticas culturais.

A festa na atualidade

As comemorações juninas acontecem em Corumbá em residências, terreiros, escolas e nas ruas interditas nas noites das festas, especialmente na noite de 23 de junho, em que após a reza (Figura 1), desce-se a Ladeira Cunha e Cruz com o andor do santo para banhar a imagem na prainha à margem direita do rio.



Figura 1 - Orações antes da descida do andor.

Foto: Beatriz Xavier, 2014.

Uma publicação do ano de 2009 da Fundação de Cultura e Turismo da cidade com roteiro e ilustrações da artista plástica Marlene Mourão, conhecida como Peninha, também se refere ao cururu e ao siriri como parte da comemoração:

É assim, ó!
Primeiro tem a festa
Nas casas dos festeiros
Tem novena (9 dias) de rezas
Pro São João

Depois de pular e brincar
Em suas casas, os festeiros,
Sua família, seus vizinhos e
Amigos vão em procissão
Até a beira do rio Paraguai
Para dar banho em São João
... E em quem lá estiver!

Na ladeira é uma festa!
É uma Festa!
Os andores que estiverem subindo
Cumprimentam os outros
Que vão descendo
Ajoelhando 3 vezes!

Diz que quem passa
Debaixo de 7 andores
No ano seguinte CASA!

Na noite de 23 de junho
Levanta-se o mastro com a coroa na ponta
Toca-se o cururu
Dança-se o siriri.

Durante a descida acontecem vários rituais: quando os andores se encontram, os santos se cumprimentam, isto é, o andor é abaixado em respeito ao outro santo que também faz o mesmo, ao som de três bandas da prefeitura tocando a música de São João, cuja letra conhecida em Corumbá é:

Deus te salve João
Batista sagrado
O seu nascimento
Nós temos que Alegrar!
Se João soubesse
Que hoje era seu dia
Descia do céu à terra
Com prazer e alegria

João batiza Cristo
Cristo batiza João
Ambos foram batizados
Nas águas do Jordão!

Outro consagrado ritual é a passagem sob os andores (Figura 2). Reza o folclore que as moças que passam embaixo de sete andores conseguem casamento e, por almejar casamento ou por diversão, passa-se muito sob os andores.



Figura 2 - A passagem sob o andor.

Foto: Beatriz Xavier, 2014.

No ano de 2014, observou-se que o mastro não estava mais presente em muitas das festas e, dos 67 festeiros entrevistados, apenas 27 persistem realizando a cerimônia de levantamento, o que evidencia as transformações nos simbolismos da festa ao longo do tempo. A historiadora Eunice Ajala Rocha registrou que o mastro (Figura 3) era presente em todas as festas do calendário folclórico-religioso.

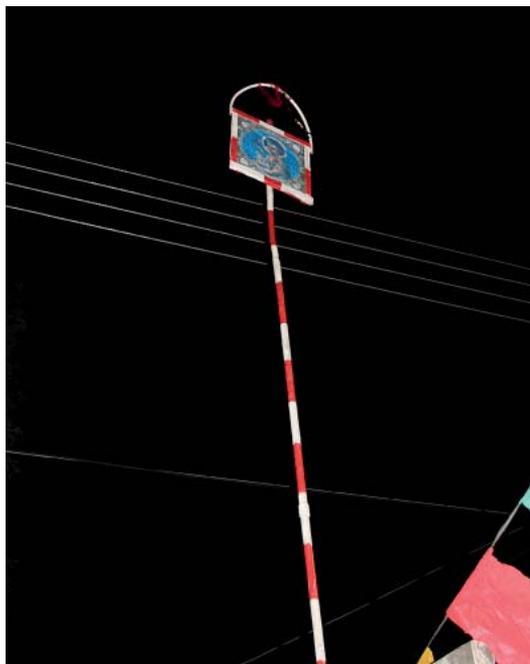


Figura 3 - Mastro em festa de São João da rua Porto Carreiro

Foto: Beatriz Xavier, 2014.

O momento mais significativo dos festejos de São João é o içamento do mastro, porque é nesse momento que se pode observar, com maior nitidez, o comportamento dos fiéis em relação à religião; onde se mesclam as alegrias e as esperanças, a satisfação no cumprimento da obrigação, as crendices, superstições e a magia. (ROCHA, 1997, p. 37).

Em sua obra, a historiadora dedica um capítulo à cerimônia de levantamento do mastro pelos curureiros.

O cerimonial de içamento do mastro tem maior valor simbólico quando é feito pelos Curureiros. Dançando, cantando e rezando à volta do mastro, conclamam os fiéis a beijar a bandeira, a rezar e a festejar, em homenagem a São João e, em versos, cantam a vida do santo e seu degolamento. Em tudo que fazem há bastante respeito e a alegria estampada em seus rostos provém de uma satisfação interior que emana da própria fé. Todavia, alternando a cantoria a São João, outros versos poderão surgir, como o que foi recolhido no ano de 1986. Era assim: “Oh que madeira sagrada/Nascida na mata boa/ Hoje em dia é determinada/Para receber a coroa”. As rezas cantadas pelos Curureiros são acompanhadas de dois instrumentos que usam a viola de cocho e o reco-reco. É um momento de muita devoção, de abstração das coisas terrenas e introspecção (ROCHA, 1997, pp. 40-41).

Embora no ano de 2010 um dos pontos altos do espetáculo no porto tenha sido a apresentação dos curureiros, que constam como parte da festa na publicação da Fundação de Cultura (2009), cururu e curureiros não estiveram presentes, como se esperaria que estivessem, nas entrevistas realizadas em 2014.

Entretanto, o fato de características como o levantamento do mastro, e o cururu e o siriri, danças típicas dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do sul que fazem parte dos festejos religiosos estarem diminuindo só evidencia o aspecto folclórico da festa, posto que, para Rocha (1997, p. 82), “[...] o povo, em sua sabedoria e criatividade, procura adaptar-se às novas condições de vida para que as práticas *folc* possam sobreviver [...]”. A autora lembra que o folclore se modifica com a sociedade e esta é sua glória, pois somente pela sua capacidade de transformação pode continuar retratando os sentimentos populares.

Quanto à religião, há festeiros que se declararam católicos, espíritas, umbandistas e alguns definem que sua religião é de matriz africana. Essa diversidade de crenças declaradas pelos entrevistados indica que a festa na atualidade ainda conta com a participação de grupos religiosos distintos.

Sobre esse sincretismo temos na fala de uma festeira:

Eu não tenho nenhuma promessa, eu tenho mesmo é uma história com São João e foi muito engraçado porque neste ano passado eu fui num centro de umbanda e o cara do centro de umbanda falou pra mim: “Você é tão querida, você é filha de Xangô”. E eu falei: “Ah, sou filha de Xangô?” E ele disse: “É, você é filha de Iansã com Xangô”. E eu: “Olha, de repente é por isso que tenho esta paixão tão grande por São João, porque São João Batista é Xangô, né?”. Engraçado, eu estava até comentando com uma amiga minha que eu gosto muito da ladainha de São João, mas eu canto a ladainha da umbanda, o tempo todo, assim, o dia inteiro, a semana inteira eu canto: “Meu São João Batista é Xangô/ é dono do meu destino até o fim /mas se me faltar a fé no meu senhor/ solta suas pedreiras sobre mim”. Então na verdade eu interiormente sou mais Xangô do que São João, entende? Mas mais por instinto, não por religião. Aqui em casa segue a tradição, tem reza, acende a fogueira, segue toda tradição, a gente só não ergue o mastro porque o terreno não suporta o mastro, então a gente até pensou em fazer um mastro pequenininho e colocar, sabe? Porque é: reza, ergue o mastro, acende a fogueira e começa a festa; é a sequência. (Festeira B)

Observa-se na fala acima que a festeira reflete sobre o sincretismo nas origens da festa e dos rituais e também sobre toda a simbologia. Nem todos os festeiros entrevistados, no entanto, demonstram essa preocupação ou clareza sobre a simbologia dos rituais ou mesmo as suas raízes religiosas.

A Festeira J declarou em sua entrevista que era espírita. Para ela, o ato de banhar o santo iniciou-se como uma brincadeira, mas acabou se transformando em tradição, então todos os anos desce a ladeira para realizar o banho (Figura 4), mas enfatiza que não ergue o mastro. Dessa forma, pode-se novamente observar a presença de indivíduos cujas crenças diferem do catolicismo, indicando mais uma vez o caráter sincrético de festa popular salientado anteriormente. Outro ponto que merece destaque é que, mesmo pertencendo a outra religião, a entrevistada participa dos ritos praticados durante a festividade.



Figura 4 - A chegada ao rio para o banho do santo

Foto: Ramona Dias, 2014.

A festa é anunciada como uma tradição na cidade e foi recorrente, nas narrativas dos entrevistados, o uso da palavra *tradição* para designar algum símbolo ou prática. Assim, respostas tais como *ergue-se o mastro por tradição*, *faz-se a fogueira por tradição* e *festeja-se por tradição* foram bastante frequentes.

Em Corumbá não é difícil encontrar aqueles que festejam há muitas décadas, tendo o primeiro festeiro falecido e a comunidade ou um familiar assumido a sua continuidade. Dos 67 entrevistados, 42 declararam que iniciaram a festa em decorrência de uma promessa; 19, por devoção ao Santo; e 4, por outros motivos que começaram como uma brincadeira, tradição ou outros.

Questionados sobre o tempo de realização dos festejos, as respostas foram diversas. A Festeira P declarou que comemora o santo desde a década de 1940. Iniciada pela avó em Cáceres, o costume foi passado à sua mãe e só então a ela. Quando a família chegou a Corumbá, aderiu ao Banho de São João. Outros iniciaram a festa somente após a prefeitura oferecer incentivo financeiro para sua realização, mas esses festeiros são minoria. Entretanto, questionados sobre se a festividade de São João é tradição na família, 57 responderam que sim, e apenas 16 iniciaram-se no ritual nos últimos dez anos.

Dessa maneira, a variável tempo de realização da festa, compreende desde a festeira que a realiza desde a década de 1940 até os que começaram quando a prefeitura decidiu oferecer um incentivo aos festeiros.

O Festeiro G, cuja falecida esposa deu início à festa após uma promessa em 1974, explicou que o Mastro de São João tem a função de comunicar que é tempo de São João.

Temos três santos em junho – Santo Antônio, dia 12; São João, dia 24; e São Pedro, dia 29. Por isso erguemos primeiramente o mastro com a bandeira de Santo Antônio, para avisar que é tempo de Santo Antônio. Passada a festa de Santo Antônio, baixa-se o mastro de Santo Antônio e ergue-se o mastro de São João. Passada a Festa de São João, baixa-se o mastro de São João e ergue-se o mastro de São Pedro, entende?

A Festeira B explica o significado do mastro, da fogueira e das fitas no ritual:

O mastro vai com a bandeira de São João em cima, é a representação do nascimento de São João, por isso tem a sequência: reza, ergue o mastro, que é o nascimento, e acende a fogueira, que é a vida. A importância da fogueira no ritual é que o fogo representa a vida. E não sei se vocês entrevistaram ou viram, mas tem vários andores que têm as fitas, que são as fitas dos pedidos. Aí você pede graça, pede coisa pra família. Tem gente que escreve o pedido mesmo: “Ah, eu quero terminar minha tese de doutorado, quero que meu filho passe no vestibular” e aí essas fitas ficam e no outro ano, quando acende a fogueira, a gente queima as fitas do ano passado. Sempre são as crianças que queimam as fitas, nunca é adulto que queima, mas isso é uma tradição aqui de casa, não sei como fazem nos outros lugares.

Como se pode observar em sua fala, a Festeira B destaca características da festa e enfatiza o significado de alguns de seus símbolos como a fogueira e o mastro. Entretanto, o final de sua fala chama a atenção, uma vez que ela declara que em sua residência são as crianças que queimam as fitas dos pedidos. Ora, se a festa fosse rigidamente regulamentada pela Igreja ou pela prefeitura, por exemplo, não seria possível que esses rituais acontecessem de maneira distinta nas casas. Por ser uma festa organizada, sobretudo, pela população, segundo suas tradições familiares ou comunitárias, sua forma de realização adquire peculiaridades de acordo com a família/grupo que as promove.

Em relação à simbologia, o banho é compreendido como o ritual do batismo ou o batismo por 37 dos 67 entrevistados, alguns dos quais também se referem ao batismo como ocasião de purificação e de renovação de fé e esperança. Vinte e dois entrevistados referiram-se à tradição. E dez entrevistados apresentaram outras variações como: não banha o santo por falta de locomoção, o que significa que o local é distante do rio, etc.

A maioria das festas que tiveram início por promessa está ligada a pedido pela saúde de filhos, pais, irmãos. Dentre elas, uma iniciou-se em 1974, quando a esposa do atual festeiro pediu pela saúde da filha que nasceu doente. A esposa faleceu e o marido, auxiliado pela cunhada, assumiu. Trata-se de uma festa que fecha a rua e se realiza num grande terreno em que mora toda a família. Todos os anos, o festeiro mata uma novilha e é grande a quantidade de comida que oferece

ali na noite de São João. Churrasco assado na vala, que é bastante usual na cidade; pipoca, sarravulho, quentão e cerveja. A festa para esses festeiros nunca mudou.

Quanto à forma de realização, predominam as contribuições familiares, de amigos e da comunidade. Muitos dos festeiros atualmente recebem a contribuição da prefeitura, embora pareça ser consensual entre a maioria deles que a festa teria continuidade sem essa contribuição, sendo essa verba utilizada para enfeitar o andor, já que comida e bebida costumam exigir a contribuição das pessoas próximas.

[...] a primeira festeira zangava que o povo não dava dinheiro porque sempre foi festa de amigo e de amigos de amigo. Isso pode reverberar e ter 130, 150 pessoas, ou pode ser como na última, com 60 pessoas, uma festa só de amigos. A nossa festa já foi de várias formas, foi cota, mas, em geral, eu faço um orçamento e falo pras pessoas e todo mundo dá a cota e pronto, todo mundo tem muita fartura. Festa de santo em qualquer lugar deste país brota comida do chão, até nos lugares onde as pessoas só comem rapadura, em festa de santo tem fartura de comida e está ligado a esta coisa de Cristo multiplicar, de compartilhar. A gente dá pra vizinhança e ainda sobra muito arroz carreteiro, sarravulho, na minha geladeira (Festeira B).

Ao enfatizar a fartura presente nas festas religiosas, a Festeira B evidencia outra característica presente nas falas de todos os entrevistados, que é a prazerosa explicação sobre a comida oferecida. Com familiares, amigos e vizinhos, os festeiros organizam a refeição a ser servida antes da descida para o banho do santo, e os festeiros se referem com orgulho à fartura de alimento presente na noite de 23 de junho.

Algumas transformações ao longo do tempo

Algumas tensões decorrentes de mudanças já tinham sido observadas na última década pelas autoras do presente artigo na busca pela manutenção das tradições e no uso de novos materiais e adornos dos andores.

Em 2008, observou-se que muitos dos andores traziam elementos alheios aos praticados tradicionalmente. Naquele ano, no concurso de andores, ficou evidente a adição de elementos estranhos ao universo junino, tais como luzinhas de natal e tecidos brilhantes de uso corrente no carnaval adornando os santos. Em 2010, observou-se a volta do papel crepom nos tons branco e vermelho e das flores de papel e revestimento em cetim, por determinação da então secretária de Cultura da cidade, Heloisa Urt, reconhecida defensora das manifestações e tradições e populares da cultura corumbaense.

Outra mudança geradora de tensões a que já se referiu anteriormente, é a institucionalização da festa e, ao falar-se em institucionalização, se está fazendo

referência ao papel que a prefeitura da cidade tem assumido na sua organização nas últimas décadas, num esforço de evidenciar o seu valor folclórico e fomentar o turismo cultural.

Tal esforço compreende várias ações como anunciar o evento em todo o Estado conclamando as pessoas a virem participar desse acontecimento folclórico; decoração da ladeira e do porto geral com bandeirolas e bandeiras dos santos; uma contribuição em dinheiro para os festeiros cadastrados; a presença de bandas ao longo da ladeira, que tocam cada vez que passa um andor; a realização de shows de música popular no porto geral e montagem das barraquinhas de comida, que perderam os elementos de barraquinhas de madeira e palha migrando para as tendas presentes em todos os eventos globalizados.

Há nos comentários de alguns dos festeiros e moradores da cidade, um sentimento de perda de autenticidade da festa, especialmente em decorrência da grande tenda onde acontecem os shows de música popular, o que leva a uma considerável diminuição do número de pessoas na ladeira por onde descem e se encontram os andores.

A Festeira L reclamou que antes as pessoas desciam a ladeira, banhavam o santo e voltavam para a festa, mas atualmente ela precisa servir o jantar antes de descer, porque as pessoas não voltam mais, elas ficam pelo porto assistindo aos shows ou acompanhando o movimento.

Em alguns anos, os shows privilegiaram a tradição regional e apresentaram-se tocadores de cururu e siriri executados na viola de cocho, que é um instrumento musical típico dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, produzida por mestres artesãos violeiros e curureiros e recebe este nome por ser escavada num bloco maciço de madeira, assemelhando-se aos cochos que nas fazendas servem de abrigo ao alimento dos animais. Entretanto, nem sempre esta tradição está presente e, via de regra, a festa do porto é embalada por canções de duplas sertanejas ou até mesmo outros tipos de música. Chama a atenção entretanto, o agrado do público que permanece no Porto até muito tempo depois da queima de fogos que acontece à meia noite do dia 23 de junho.

Na fala de uma festeira, há um relato singular com aguda observação a respeito de tais mudanças: “[...] Coisa de 30 anos atrás fui convidada para ser a noiva, vim para ser a noiva e naquele dia eu casei com São João. Quando eu vim, eu estava descendo com umas folhinhas de alface na mão e era só o São João, não tinha nada no porto”.

Ao dizer “*não tinha nada no porto*”, a festeira provavelmente se refere à presença dos shows na grande tenda e às barraquinhas de comida e bebida organizadas pela prefeitura.

Então a cidade ia pro porto pra ver o São João, tinha muitas festas em Corumbá de rua fechada, era uma coisa impressionante! Não quero dizer que hoje não é assim, mas era muito mais, a cidade participava das festas dos festeiros. Mesmo que você não tivesse religião, você ia assistir, as pessoas iam nas casas dos festeiros, fechava-se a rua, e então o povo ia pras festas e descia com o santo. Era uma coisa impressionante, das oito até a meia-noite a cidade toda com vela, sabe? (Festeira B)

E, finalmente, aborda com clareza a institucionalização da festa:

Quando a prefeitura resolveu institucionalizar o São João, trouxe umas coisas legais para as pessoas da cidade... Mas então a gente sempre comemora à meia-noite, porque sempre teve fogos e então a gente descia na hora dos fogos, porque você sabe que o São João a gente não comemora como a maioria dos santos – até a nossa última reza foi sobre isso – a maioria dos santos comemora a morte e São João é um santo que a gente comemora a vida, o nascimento, por isso meia-noite, por isso os fogos (Festeira B).

Vê-se na fala dessa festeira que, para assimilar as mudanças decorrentes da institucionalização, isto é, do acréscimo do palco de música, num show popular, gratuito e de livre acesso da população, desce-se na hora dos fogos, o que já foi elaborado por outras duas festeiras que afirmaram: *“a gente reza, levanta o mastro, acende a fogueira, janta e desce”*.

Breves considerações

A Festa de São João em Corumbá é um importante evento de sociabilidade para seus moradores desde o século XIX. De caráter popular, reúne em seus mais diversos espaços um grande número de pessoas das mais variadas matrizes religiosas. Essas características possibilitam, muitas vezes, um imbricamento de ritos sagrados e profanos nesses locais, permitindo que simpatias, orações, bailes e bebidas coexistam pacificamente nesses eventos.

Por ser realizada há muitos anos a festa está em um constante processo de resignificação. Organizada pela população, sofre transformações ao longo dos anos, passando por pequenas normatizações (por parte da prefeitura ou mesmo da Igreja) ou sendo promovida de maneira livre, com diferentes ritos e formas de organização, segundo o local e a tradição de cada festeiro.

Importante ponto de identidade entre seus participantes, as celebrações em torno de São João proporcionam convivência entre os cidadãos, reforçam laços de vizinhança e comunidade, sendo um exemplo de prática cultural na região. Como objeto de pesquisa das mais diversas áreas, a festa permite uma compreensão da sociedade, de suas formas de sociabilidade e de religiosidade e de sobrevivência às transformações sociais.

Referências

- ABREU, Martha. *Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- CARRATO, José Ferreira. *Igreja, Iluminismo e Escolas Mineiras Coloniais*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp, 1968.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.
- DEL PRIORE. Mary Lucy. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- FERLINI, Vera Lucia Amaral. Folguedos, feiras e feriados: aspectos socioeconômicos das festas do mundo dos engenhos. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Orgs.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Fapesp, 2001. v. II.
- FUNDAÇÃO DE CULTURA E TURISMO DE CORUMBÁ. *Banho de São João em Corumbá MS*. 2012.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Orgs.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Fapesp, 2001. v. II.
- ROCHA, Eunice Ajala. *A festa de São João em Corumbá*. São Paulo: EditorAção, 1997.
- SOUZA, João Carlos de. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, n, 48, p. 331-351, 2004.

Notas de Fim

- 1 Sobre o método em História Oral, ver: FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO, 2002.
- 2 Sobre festividades realizadas no Brasil ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002. MORAIS FILHO, Mello. *Festas e tradições populares do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. TINHORÃO, José Ramos. *Festas no Brasil colonial*. São Paulo: 34, 2000.